

lhe faria logo comprehender que nenhum perigo correu e não tardaria em continuar seus divertimentos interrompidos.

E que dizer da bôa mãe que vai até dar na inoffensiva cadeira, causa da queda do nenê?

Accreditai-me, mãis por demais sensiveis, não vos inquieteis muito com essas quedas sem importancia e sobretudo não deixai perceber a menor preocupação. Não se deve procurar consolar a criança, antes persuadir-lhe que não tem mal algum e recommendar-lhe ser menos desageitado de ora em diante. Ensinai a vossos filhos a serem corajosos, receiando sempre tornal-os cobardes.

E' para socegar muito o saber-se que essas quedas muito raramente dão lugar a accidentes de alguma gravidade; as vezes a apparição de um gallo : então agua fresca e um pouco de compressão é o unico tratamento a seguir. Havendo alguma solução de continuidade na pelle, arranhão, etc., tiras estreitas de tafetá inglez, de sparadrappo, bastam para conchegar as partes divididas.

Para as crianças, a cabeça é o lugar mais frequentemente ferido, todavia os membros podem ser sede de lesões mais ou menos graves produzidas quer por uma queda, quer por uma manobra desacertada.

Por isso, acho reprovavel esse costume que têm certos pais de suspender as crianças pela mão

RECREIO

O BASTARDO 1

Drama em tres actos, original brasileiro

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

PERSONAGENS

CECILIA.

LUIZ DE AGUIAR, fazendeiro.

FREDERICO DE AGUIAR, mulato; seo irmão.

MANOEL, escravo de Luiz.

JOSÉ LOURENÇO, mestre d'escola.

Actualidade.

PRIMEIRO ACTO

O theatro representa um terreiro de Fazenda. A' no primeiro plano, o paiol, — no segundo plano minho que vae ao engenho; — á esquerda, no p plano, a estrada geral, — no segundo, as senzalas ao fundo, uma varanda practicavel, que dá par terior da casa de residencia. O paiol e as senzalas são practicaveis. No terreiro, bancos toscos.

SCENA I

JOSÉ LOURENÇO, sentado, conversa com MANOEL está em distancia respeitosa. Manoel tem os grosseiros, a falla rouca, mas com essa clareza guagem que caracteriza o nosso creoulo.

JOSÉ LOURENÇO, *como que continuando*
E's creoulo da Fazenda, Manoel?

MANOEL. — Sim, meo senhor, nasci n'a senzala, — e depois de dez annos de aus depois de haver perdido o amôr a este depois de ter esquecido aquelles de que

A Mãe de Família. 15 ago/1885, nº 15 [publ. quinzenal] a

Journal Científico-Literário

31/03/1886 [nº 6]

-educ da infância, hygiene da familia

~~1885/1886~~

depois de ter esquecido aquelles de quem fui
cria, para aqui volto de novo. Ah! como
chorei quando sahi desta casa! Eu não devia
lembrar essas lagrimas, porque — n'este lugar —
vi morrer minha mãe á vergalhadas, atada ao
moirão. (*Entre soluços*). Ella era uma pobre
negra, mas estimava-me tanto.

JOSÉ LOURENÇO. — Tu foste captivo e vieste
n'essa mesma condição!

MANOEL. — E' verdade, meo branco, e não
obstante disfarço os meus soffrimentos com o
riso que tenho sempre.

JOSÉ LOURENÇO. — E' o riso nos labios e as
lagrimas no coração.

1 Este drama é o meu primogenito; compul-o aos treze
annos de idade. Com todos seus defeitos, e tal qual o apre-
sento agora, foi representado com geral applauso no theatro
de Santos, pela companhia da actriz Maria Velluti, em 1862;
o logo depois no theatro de S. Paulo, pela companhia do
actor Domingos Martins dos Santos, sendo suspensas as
suas representações por tumultuario e perigoso. Hoje, que
as scenas da escravidão se discutem desassombradas, não
tem já motivo de ser aquella censura, motivada antes pela
dolorosa impressão que produziram as scenas verdadei-
ramente dramaticas, que mesmo pelo escândalo da these.

de Souza

negro da mãe e do pai

7 1864

my m
lugar,
encia,
quella

— 10.

na in-
gestos
Li, que

las no
o in-
las: —
rimetro
' o ca-
direita,

119
MANOEL. — Mas o meo juramento está ahi tam-
bem gravado com letras de sangue.

JOSÉ LOURENÇO. — Conta-me como vieste aqui
parar outra vez.

MANOEL. — Isso é uma historia muito longa,
meo branco: eu fazia parte dos trinta escravos
que meo defuncto senhor deo em dote á sua
sobrinha com as terras da Acayaba. A bôa da
nhãnhã, que tinha de ir para côrte, trocou n'um
bello dia a trez de nós por uma parelha de ca-
vallos castanhos, — foi um excellente negocio!
os brutos valiam mais. Uma vez na circulação
andámos de mão em mão, variando de chicote.
Finalmente, ha dois mezes, o jogo entregou-me
ao filho do meo defuncto senhor, e restituiu-me
á casa, onde captivo nasci, e como captivo
amei, — restituiu-me á casa, que me lembra um
juramento, que recorda uma promessa de vin-
gança, porque foi aqui que minha mãe exhalou
o ultimo suspiro. O moirão cahio, mas as nodoas
do seo sangue ficaram, e sobre ellas repito o
juramento d'outr'ora. (Arranca sorrateiro uma
faca da cinta).

JOSÉ LOURENÇO. — Não sei de que te queixas:
logo que chegaste fizeram-te feitor, — é uma
prova de confiança.

MANOEL. — Se quizeram com isso fechar as
feridas do meo coração, enganaram-se, — eu
hoje só desejo vingar minha mãe.

plano de vingança

hoje só desejo vingar minha mãe.

JOSÉ LOURENÇO. — Tens máos instinctos. . .

MANOEL. — Não sou máo, meo branco, está enganado: querem que eu seja mais que os meus parceiros, e fazem-me feitor; mas, por ventura não choro no mesmo captiveiro que elles? não me rio nas mesmas cadeias? como elles tambem não sou escravo? E depois oiço dizer que nhônhô Frederico, que chegou ha alguns dias, veio saber das disposições do fallecido para casar-se com a filha d'essa senhora, que ahí está tomando ares. Quem sabe o que farão de mim?

JOSÉ LOURENÇO. — Estou ha pouco tempo na Fazenda, e não conheço hem certos factos: falla-me do Sr. Frederico.

MANOEL. — Que bom menino elle era! Quantas vezes brincámos juntos n'este terreiro! quantas vezes se zangou comigo por chamal-o meo primo.

JOSÉ LOURENÇO. — Teo primo!

MANOEL. — Meo primo, — porque não?!

mãe de senhora

Manoel, primo de Frederico

JOSÉ LOURENÇO. — Estás gracejando!

MANOEL. — Não gracejo, meo branco, — esse parentesco é a minha vergonha: minha mãe tinha uma irmã, era moça e bonita, agradou a meo defuncto senhor...

JOSÉ LOURENÇO. — Veim a ser então irmão natural do teo senhor?

MANOEL. — Sim. Lembra-me como se fosse hoje: olhe, a mãe do nhônhô Frederico morreo, — o defuncto senhor casou-se, — a senhora, que era um anjo de bondade, tomou a creança e educou-a como se fôra seu filho. Foi assim que meo senhor moço habituou-se a olhal-o como irmão.

JOSÉ LOURENÇO. — De que idade foi elle para côrte?

MANOEL. — O coitadinho tinha oito annos, — chorou que me fez o coração em pedaços.

JOSÉ LOURENÇO. — Na villa falla-se muito do Sr. Frederico.

MANOEL. — Não ouvio assobiar, meo branco? é o senhor que está chamando. Com licença.
(*Vae para sahir.*)

JOSÉ LOURENÇO, *levantando-se*. — Manoel, manda chegar o meo burro.

MANOEL, *que parou, apontando a estrada*. — Está amarrado na cancella.

JOSÉ LOURENÇO. — Está hem. Vou a villa dar lição aos meninos (*Vae-se*).

(*Continúa.*)

Frederico é filho de uma brava, irmã da mãe de Manoel

Frederico é irmão por parte de pai de Manoel

educação de Frederico

aos 8 annos foi para a corte

RECREIO

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro,

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

SCENA II

FREDERICO, LUIZ e MANOEL

MANOEL, *a Luiz, que entra.* — Meo senhor chamou ?

LUIZ — Abrio-se a picada do lado do rio ?

MANOEL. — Sim, senhor.

LUIZ, *a Frederico.* — Vás presenciar um bello espectaculo. (*A' Manoel*). Faça-se immediatamente a queimada.

MANOEL. — Sim, senhor. (*Vae-se*).

v. 126

31/ago, n. 16

SCENA III

LUIZ e FREDERICO

LUIZ. — A falta de costume fez sem duvida com que o animal te fatigasse...

FREDERICO. — Não, — deixei-o por vezes para caminhar á pé.

LUIZ. — Andaste muito ?

FREDERICO. — Fui até o Engenho.

LUIZ. — Já sei que assististe á moenda ?

FREDERICO. — Não tinham ainda começado quando estive no Engenho; e fui ver os cafesaes, que me pareceram em muito máo estado.

LUIZ. — O *bicho* tem feito estragos enormes, — se as chuvas de Dezembro não remediarem o mal, a lavoura soffre um prejuizo fabuloso.

FREDERICO. — Em compensação os cannaviaes estão lindos.

LUIZ. — Se teus esforços se associarem aos meos, facil resarciremos todos os prejuizos.

FREDERICO. — De muito boa vontade accederia ao teu pedido se negocios importantes não me obrigassem á partir immediatamente para a Côrte. Esta carta...

LUIZ. — Deixa-nos ?

FREDERICO. — Amanhã, de madrugada

LUIZ. — Tão depressa !

FREDERICO. — O teu acolhimento foi-me duas

FREDERICO. — O teu acolhimento foi-me duas vezes caro, pois a morte cerrou os lábios que deviam receber-me com as carícias, que só a tua bondade pôde supprir. Trabalhava, como te mandei dizer, n'uma obra, cuja publicação não podia interromper, quando recebi a infusta notícia da morte do nosso bom pae, e pensei com pesar n'esta casa, onde — se não tive a felicidade de encontrar o pae extremoso — achei o irmão amigo para com elle chorar tão grande perda. Impresso o meo trabalho, deliberei vir á serra tratar dos meos negocios, e — aproveitando o ensejo — trouxe em minha companhia essa familia, que vae ser a minha e tua.

Luiz, levantou-se. — Ah!

FREDERICO. — E como o tempo urge, peço-te me esclareças á respeito das disposições de nosso pae; — parto amanhã de madrugada, como já disse, e não tenho tempo a perder.

Luiz, com interesse. — E D. Cecilia tambem parte?

FREDERICO. — Parte.

LUIZ. — Bem. Fallemos, pois, do que mais te interessa. A morte de nosso pae foi repentina; todavia — no momento fatal — ajuntou as mãos e pronunciou com difficuldade algumas palavras, em que dizia não ter deixado documento algum que provasse a tua liberdade. A sua vontade era sem duvida que eu fizesse por ti o que a morte não lh'o permittio. E, com effeito, examinando depois os seus papeis, não encontrei documento algum que assegurasse essa liberdade, — o que encontrei, sim, foi um testamento feito no dia do meo nascimento, onde não ha disposição alguma em teu beneficio, — diz sómente que te mandára educar para seu companheiro na velhice, e que nunca te poderias dizer livre sem uma carta por elle assignada, porque nasceras de ventre escravo. Dizia ainda que eu seria o seu unico herdeiro, e finalisava declarando que esse testamento vigoraria até que outro o inutilisasse. E' tudo.

FREDERICO. — Em resumo, meo irmão, um descuido de nosso pae deixou-me pobre, e — mais ainda — captivo. Triste posição a minha, na verdade!

LUIZ. — Mas nada temas, e tranquillisa-te: não te disse já que a vontade de nosso pae era que eu fizesse por ti o que a morte não lh'o permittio? E demais, não somos irmãos? não és

v-127
mittio ? E demais, não somos irmãos ? não és
filho de meo pae ?

FREDERICO. — A tua bondade vae tudo sanar.
E agora, Luiz, que és senhor de duzentos es-
cravos, sê justo e amavel e bom. Esquece esse
direito deshumano que a tyrannia legou aos
nossos avós. Quantas vezes o rigôr do nosso pae
fez-me derramar lagrymas !? E's filho dos dias
de luz, deixa a tua bondade triumphar do espi-
rito das trévas, que pretende governar o mundo
com suas leis tyrannicas.

LUIZ. — Declino do credito que merecem as
minhas palavras, — elles que te digam se tenho
procurado suavisar-lhes a sorte.

FREDERICO. — Recebe os meos cumprimentos,
e juntamente a gratidão d'esses pobres escravos,
— eu nunca esquecerei que minha mãe morreo
captiva. E's bom e generoso, e como tal serás
sempre respeitado, — trabalha e sê economico, e
em breve serás muito rico. O que mais queres ?

LUIZ. — O que mais ?! Ah, Frederico, não me perguntas o que mais quero eu ! A riqueza nem sempre é a felicidade. Não imaginas a mudança que se operou em mim n'estes ultimos dias, — já não gosto do ruido, do luxo, — amo a solidão, a calma, essa tranquillidade que encanta.

FREDERICO. — Realmente, é grande a mudança ! Tu, Luiz, que só obedecias á tua imaginação viva e ardente, de tudo te esqueces para fallar em nome do coração ?! A verdadeira felicidade, acredita-me, é esta que te rodeia, — gosa-a, não a desperdices. Onde está então a tua felicidade ?

LUIZ, *com intenção*. — No amor de uma mulher.

FREDERICO. — No amor de uma mulher ?!
(Pausa. Frederico, que o comprehendeo, olha-o com pasmo.)

LUIZ, *voltando-se para elle*. — O que tens ?

FREDERICO. — Nada ! nada !

LUIZ. — Pareces contrariado.

FREDERICO. — Ha pouco disseste bem, — a falta de habito fez com que o animal me affadigasse, — vou descansar. Consentes ?

LUIZ. — Estás em tua casa, Frederico. (Frederico *vae-se*.)

(Continúa.)

RECREIO

D. 134

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro.

DU

DR. PIRES DE ALMEIDA

SCENA IV

LUIZ, e depois MANOEL

LUIZ. — (Que perturbação! Elle comprehendo-me!)

MANOEL. — Senhor?

LUIZ. — O que é, negro?

MANOEL. — Vae-se começar a queimada, — eu vinha saber se meo senhor assiste.

LUIZ. — Vae-te, — não quero saber d'isso.

MANOEL. — Sim, senhor. (*Sahida falsa*).

LUIZ. — Manoel?

MANOEL, *voltando*. — Meo senhor?

LUIZ. — Nasceste n'esta casa, deposito bastante confiança em ti para mandar-te que vigies os passos do senhor Frederico, e os seos gestos e as

15/x7, n.º 17

suas palavras, — tudo, tudo, e vem logo contar-me; ouves?

MANOEL. — Sim, senhor.

LUIZ. — Vê lá, negro.

MANOEL. — Eu tudo farei, meo senhor.

LUIZ. — Bem, — vae-te

MANOEL. — Sim, senhor. (*Vae-se*).

SCENA V

LUIZ, e logo CECILIA

LUIZ. — (Ella !)

CECILIA, *de roupas brancas, e cabellos soltos.*

Bons dias, Luiz.

LUIZ. — Bons dias. — (*Offerece uma cadeira; ella senta-se*) — Tão cedo e já...

CECILIA. — E já acordada. (*Com graça*). Estes roceiros não perdem occasião de nos chamar de preguiçosos.

LUIZ. — Perdão, — eu não disse isso. Admi-rei-me apenas que se tivesse desviado do com-mum.

CECILIA. — Tem toda razão, — não me atrevo a desmentil-o.

LUIZ. — Bem vê.

CECILIA. — Fui respirar o ar livre da madru-gada, admirar a nossa vegetação, e fiquei mara-vilhada da vista que se gosa nesta sua bella fa-zenda.

LUIZ. — Na verdade o local não é máo, — mas acho triste demais esta morada.

acho triste demais esta morada.

n. 134

CECILIA. — N'essa tristeza faço consistir a sua beleza, — é uma monotonia, que não enfada.

LUIZ. — Se enfada, — a sua presença é que lhe dá vida.

CECILIA. — Por Deos, como é lisongeiro !

LUIZ. — E como é modesta !

CECILIA. — A vida da solidão é a natureza, — é o céu, a terra, e as aguas, — é aquelle arco de luz que se levanta no horisonte, illuminando as nuvens douradas, que fogem para o occidente, — é o trinar dos passarinhos, que se balouçam na ramagem, — são os riachos, que correm quasi sob nossos pés, — é o fragor das aguas, que se despenham em catadupas.

LUIZ. — Quanta poesia em suas palavras, — são um romance.

CECILIA. — Mas um romance vivo, cujo protagonista é o senhor.

Luiz, *de chofre*. — E se a senhora juntasse ao meo romance tudo o que lhe falta? se juntasse ao meo romance uma atmospherá perfumado pelo alento de uma mulher? se juntasse ao meo romance umas mãos branca como o collo do cysne, que — á tarde — enxugassem o suor do lavrador, adormecido sobre a relva pela fadiga do dia? se ajuntasse ao meo romance uma voz sonora como a sua, minha senhora, que balbuciasse palavras de amôr, e m'as dêsse uma á uma ao coração?

CECILIA. — O que diz?

LUIZ. — O que sinto, o que se passa dentro em mim...

CECILIA. — Endoudeceo, por certo.

LUIZ. — Endoudeci, não ousó desmentil-a, — a senhora é umá d'essas creaturas, que fazem perder a razão, que n'um lanço d'olhos nos mostram o céo, e n'um sorriso a grandeza divina, — é uma d'essas creaturas que — por um signal de amôr — por um beijo ou por uma lagryma — eu daria a minha vida na terra e a eternidade no céo.

CECILIA. — Senhor, não pensei nunca que me fallasse de amôr, — ha entre nós uma barr-ira, que não desconhece.

LUIZ, *com desanimo*. — Ah!

CECILIA. — Espero que nem mais lembrará do que disse.

LUIZ, *com cortesia*. — Perdõe-me, — sou louco. (*Vae-se*).

SCENA VI

CECILIA e FREDERICO

CECILIA, *fica indecisa; de repente, como que ferida por uma ideia, vae á varanda, e chama.*

— Frederico? (com mais força) Frederico?

FREDERICO. — Que me queres, Cecilia? (*Frederico vendo-a agitada, toma-lhe as mãos, e [desce ao proscenio].* O que tens, minha Cecilia?

CECILIA. — Preciso fallar-te.

FREDERICO. — Se eu pudesse prevel-o não teria tentado um momento de descanso.

CECILIA. — Soffres então? Vae, — depois tudo te direi.

FREDERICO. — Não, Cecilia, eu não careço já de repouso, — uma dôr horrivel torturou-me o coração, a cabeça tresvariava, lavas ardentes cir-

culavam-me nas veias; — tive de encostar-me no leito para não cair.

CECILIA. — Deos meo, como soffres!

FREDERICO. — Soffro, soffro muito, muito! Eu quizera dizer-te ainda mais, porém a linguagem dos labios não póde traduzir o novo sentimento que me dilacera o coração, o ciume. Eu quizera ouvir ainda uma vez de teos labios as santas palavras de amôr, que tanto deliciaram os meos ouvidos, porém temo que perguntes ao misero reptil porque ergue a fronte para a rosa, que viceja altiva acima da sua cabeça, — temo que punas o homem de côr com outro amôr, que não o meo.

CECILIA. — Frederico!

(*Continúa.*)

FREDERICO. — Perdôa-me se esqueci por instantes os teos juramentos, — perdôa-me, o ciume torna-me incredulo, — a felicidade é tanta, que vacillo diante d'ella. Deos é justo e bom, e não me teria predestinado a amar-te se tu não me perdoasses uma falta, que não é minha. O' minha mãe! pobre martyr da barbara escravidão, quantas lagrimas não verteste por teu filho, que amaldiçôa hoje seo nascimento!

CECILIA. — Não blasphemes, não amaldiçôes teu nascimento e com elle tua pobre mãe, que não é culpada dos teos desvarios. Se é por mim que o fazes, cala-te, — que m'importa os prejuizos d'essa sociedade, que não quer comprehender-nos? Tu me amas, não é assim? ergue altiva a fronte, porque esse amôr, que abrasa teu coração, queima outro coração, e esse coração é o meo; — ergue altiva a fronte, porque tuas esperanças não são esperanças doidas, abrigão-se em outro seio, e esse seio é o meo; — porque eu te amo tambem, á ti só.

FREDERICO. -- Tu me amas como... como um infeliz, que sou.

CECILIA. — Ainda?

FREDERICO. — Não, não! — nossos corações, como uma arca santa, serão o deposito da nossa alegria e da nossa dôr, dos nossos risos e das nossas lagrimas, — unidos por um só laço, encerrarão um thesouro de amôr e felicidade.

CECILIA. — Sim, de amôr e felicidade. Fallemos do nosso amôr, fallemos da felicidade, que nos espera. Sim ?

FREDERICO. — Falla.

CECILIA. — E' inconcebivel a maneira pela qual teu pai esqueceo-se de ti: não deixou um só acto que assegure a nossa tranquillidade.

FREDERICO. — Que me dizes, Cecilia ? eu careço de uma carta de liberdade ?! Tenho por ventura necessidade d'ella ?! não sou livre, e como tal olhado e respeitado ?! Meo Deos, não me basta a nodôa do meo nascimento, querem ainda que eu junte á ella uma carta de alforria ?

CECILIA. — A tua dôr é justa. Essa carta é uma formalidade, mas formalidade necessaria, — tua mãi era escrava, e nasceste escravo.

FREDERICO, *com sentimento*. — E' verdade, — o filho segue a condição materna.

CECILIA. — Não é tambem sem pezar que trato de um assumpto tão penoso para nós ambos, mas uma duvida, uma só, póde desfazer todos os nossos sonhos de ventura.

FREDERICO. — Quão pouco valho, meo Deos ! (*Pequena pausa*). Tens razão, Cecilia, mas não te assustes : Luiz, que não cõra de chamar-me seo irmão, não duvidará em dar-me essa malfadada carta de liberdade.

fadada carta de liberdade.

n. 151

CECILIA. — Então já... pede-a já...

FREDERICO. — Porque?

CECILIA, *soffrega*. — Não sei, mas... pede-lh'a já...

FREDERICO. — Meo irmão é bom e generoso, — eu nada temo.

CECILIA. — Sim, mas é escravo do coração como tu és seu escravo. Vae, pede-lh'a immediatamente, — amanhã será tarde, porque... porque elle tambem me ama.

(*Continúa*).

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro.

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

FREDERICO, *com desanimo.* — A realidade, eil-a, em toda sua nudez! (*Pausa*). Ah! não se morre de uma dôr, — não! Não me illudia, — o coração já m'o havia adivinhado. (*Pausa*, O que vae dentro em mim, meo Deos! (*Resoluto*)

30/40, nº 20

n. 159

Cecilia, não te enfades comigo, e escuta-me : fui um louco acreditando que poderia fazer a tua felicidade, — egoista ! eu só era feliz, só eu. Cecilia, aceita a felicidade, que te procura, — aceita-a, que eu... eu serei o teu mais humilde captivo.

CECILIA. — Porque me fallas assim ? teos labios mentem ao teu coração.

FREDERICO. — Prefiro ver-te feliz a ser feliz. (Com expressão). Oh, maldita sociedade que respeita seus individuos pelas côres.

CECILIA. — Frederico, sentes correr em tuas veias o sangue ardente dos filhos das mattas, que soffrem com acerba dôr o pesado jugo da escravidão. Sou tambem filha d'estes climas, — meos avós juraram em meo berço exterminio aos escravos que não dêsem os pulsos ás cadeias do captivo. Pois bem : tu me entregaste os pulsos para lançar-lhes as cadeias, mas as cadeias com que os atei, teu coração o sabe... foram as do amor. Meos avós te perseguem, perseguem tambem os perjuros, — cumpra-se o nosso destino : fujamos; — viveremos nas florestas, onde o sopro do vento nos murmurará ao ouvido : amor; — iremos juntos á cascata branca, onde tua mae tantas vezes banhou os olhos cheios de lagrimas, e o chocalhar das águas nos dirá ao ouvido :

1157
e o chocalhar das águas nos dirá ao ouvido :
amôr ; — quando as fêras bravias, rodeando a
nossa cabana, rugirem raiosas, eu estremecerei,
e descançando a medo a minha cabeça no teu
hombro, ao compasso do palpitar dos nossos co-
rações, eu te direi ao ouvido : amôr.

FREDERICO. — Abençoada tu sejas, ó virgem
Santa !

CECILIA. — E para que desapareça essa sus-
peita, que tanto te magôa, irei no sol ardente
das ribanceiras buscar a bronzeada côr da tua
raça, e nunca mais corarás de mim.

FREDERICO. — Porque sou tão feliz ?! Mulher,
anjo do meo Deus, quanto te devo !

CECILIA. — Meo Frederico !

FREDERICO. — Quantas alegrias nos esperam !

CECILIA. — Sim, muitas, — mas... ?

FREDERICO. — Ah ! sim, sim, — vou em pro-
cura de Luiz.

CECILIA. — Apressa-te, — deixas-me anciosa.

FREDERICO, *com doçura*. — Eu vou, — não
me demoro.

CECILIA. — Vae. (*Sahe.*)

FREDERICO, *vendo-a sahir.* — Acalma-te, coração, — sorri, labios, — corae, minhas faces, — ella me ama. (*Vae-se.*)

SCENA VII

LUIZ, seguido por MANOEL

LUIZ. — Tu ouviste bem, negro?

MANOEL. — Eu estava ali, detraz d'aquella porta, — ouvi tudo.

LUIZ, *cahindo n'um banco.* — Meo Deos!

MANOEL. — Elle mesmo disse que meo senhor era melhor casamento: sangue limpo, rico... porém ella jurou não amar senão á nhônhô Frederico.

LUIZ, *com impeto.* — Eu a obrigarei...

MANOEL. — Qu'importa que meo senhor velho estimasse nhônhô Frederico, e o mandasse estudar na Côrte, — qu'importa se elle não reconhece isso, e até quer mal ao filho do seo protector! Oh, o que vale é que meo senhor com uma palavra, com uma só palavra, pôde obrigá-lo a ceder.

LUIZ. — Com uma só palavra?! dize-me, dize-me que palavra magica é essa...?

ze-me que palavra magica é essa...?

p. 159

MANOEL. — Escravo! (*Pausa. Luiz fica estatico*). Minha tia era escrava do defuncto senhor, e o filho da escrava é tambem escravo. Nada mais facil do que meo senhor dizer: escravo, não quero que ames aquella moça, — eu assim ordeno. E o escravo obedece, porque seo senhor é o seo Deos; — se por ventura duvidar... o moirão, o chicote, o tronco e os anginhos...

Luiz. — Cala-te, negro, cala-te, — és um perverso.

MANOEL. — Nós — os negros — longe de desejarmos a fecilidade dos nossos, regamos pela desgraça de todos: — captiveiro é que nos faz assim.

(*Continúa*)

LUIZ. — Cala-te. Ah, Frederico! tu que foste o meo companheiro de infancia, que me tens prodigalizado tantas mostras de amisade, tu que foste objecto de carinho de minha mãe, e de estima de meo pae; tu, que na minha mocidade barulhosa tantas vezes arriscaste a tua vida pela minha; és hoje o obstaculo unico do sentimento mais fundo é santo, que tenho até agora experimentado! O que fazer? nem eu sei. Mas eu tudo posso, porque elle é meo escravo. Meo escravo?! era preciso que eu esquecesse a sorte que meo pae lhe reservava, — era preciso que me esquecesse do que pedio-me no leito da morte, — era preciso que eu esquecesse minha mãe, que o estimava como se fôra seo filho, e que morreo pronunciando o seo nome!

MANOEL. — A senhora velha morreo pronunciando o nome do nhônhô Frederico, mas além do nome nada mais disse, — o senhor juntou as mãos, porém tambem nada disse, — e se quizesse libertal-o...

LUIZ. — Cala-te.

MANOEL. — Meo senhor perdôe-me, — a amisade...

LUIZ. — Está bom. Vae dizer a meo irmão que quero fallar-lhe.

MANOEL. — Sim, senhor. (*Sahindo*). (Minha mãe, começo á vingar-te !)

2 167

|| v. seguinte

SCENA VIII

(Clarão da queimada. Ouve-se ao longe a toada dos negros)

LUIZ, pouco depois FREDERICO

LUIZ. — Amam-se e vão casar-se. (*Sorri-se*)
Não o farão.

FREDERICO. — Encontrei o escravo por quem me mandaste chamar, — eu andava justamente á tua procura.

LUIZ. — O que queres de mim ?

FREDERICO. — A carta de liberdade, que me prometteste. Ella é-me hoje necessaria.

LUIZ. — Eu t'a darei, — descansa.

FREDERICO. — Quero-a já, não posso esperar.

LUIZ. — Receias de mim ?

FREDERICO. — Receio do tempo, que póde tudo mudar.

LUIZ. — E's muito previdente Tem paciencia, — espera até amanhã.

FREDERICO, *terminante*. — Não posso

LUIZ. — Não podes ? ! Mas, porque tanta pressa ? !

FREDERICO. — Tu me perguntas porque ? ! Como sabes dissimular ! Ignoras então que amo Cecilia ? !

LUIZ. — Não devo acreditar-te.

FREDERICO, *ironico*. — E's realmente incredulo !

dulo !

0.167

LUIZ. — E onde pretendes que vá parar a tua paixão ?

FREDEICO. — Aos pés de Deus.

LUIZ. — Não ousarás !

FREDEICO. — Porque ?

LUIZ. — Tu abusas da confiança e amizade d'essa senhora, que não sabe quem és.

FREDEICO. — Ella de tudo sabe, e ainda assim não me despreza.

LUIZ. — Não levantes tão alta a cabeça, — é na frente que tens o estigma da vergonha. Olha teu lugar, Frederico, — lembra-te que se essa senhora descer até a ti, tu a exporás ao esgarneo dos seus parentes e ao ludibrio do mundo, — e se subires até ella, serás apontado como um insensato, que não sabe conhecer-se.

FREDEICO. — Não prosigas, Luiz, — aturei o humor insolente da creança, cre que eu possa

Frederico

4-

supportar as injurias do homem? Luiz, dá-me essa malfadada carta, — não me roubes a unica felicidade na terra, — dá-m'a. Tu és feliz, — eu sou um desgraçado: só aquella mulher far-me-ha esquecer tantos males. Não m'a roubes. Tu não sabes como eu amo-a, — amo-a até o desvario.

LUIZ. — Como, Frederico, se eu tambem amo-a até a loucura!

FREDERICO. — Oh, já o sabia. (*O clarão da queimada augmenta mais e mais.*)

(*Continúa*)

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro.

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

Luiz. — Todos sabem, — debalde tenho procurado esconder esse fogo que me queima o coração. Sabem as mattas, á cuja espessura confio as minhas mágoas, — sabe o rio, onde banho os meos olhos rubros das lagrimas, — sabem as ra-

30/11, n. 22

vores, em que gravo o seu nome, — as plantas, que—privadas da régua—murcham, —sabe o dia, em que a vejo sem alma para mim, — e a noite, em sonhos, como esses gratos phantasmas, que em vão procurámos abraçar. Todos, tudo sabe como eu amo aquella mulher e quanto soffro por ella.

FREDERICO. — Compadeço-me de ti!

LUIZ. — Tu te compadeces de mim?! Frederico, não me arranques a ultima esperanza. Piedade! piedade para o meo coração, — tu'alma está fria, tu podes esquecel-a, esquece-a, -- eu, eu já não posso, porque sinto que está acima das minhas forças.

FREDERICO, *sorrindo-se*. — Esquecel-a, Deos meo! elle pede-me que eu a esqueça!

LUIZ. — Eu posso tudo para fazer a felicidade d'aquella moça, e tu... consente que me cale. O que deseja ella? luxo: eu a cobrirei de perolas e diamantes como a imagem de uma santa, — pisará em ricos tapetes, — e o seu menor capricho será adivinhado por duzentos escravos, destinados a obedecer-a. O que mais quererá ella? amôr? quem a ama com mais amôr do que eu?! Frederico, tem dó de mim!

FREDERICO. — Não.

LUIZ, *ajoelhando-se*. — E' de joelhos que te peço...

FREDERICO. — Não.

LUIZ. — Pela memoria de nosso bom pai.

FREDERICO. — Não.

FREERICO. — Não.

LUIZ. — Pela memoria de nosso bom pai.

FREDERICO. — Não.

LUIZ, *erguendo-se; rapido.* — Eu t'o obrigarei.

FREDERICO. — Nada poderás.

LUIZ. — Escravo, onde está a tua carta de liberdade?

FREDERICO. — Oh, céos!

LUIZ. — Impallideces, tremes diante do teu senhor, — é porque o reconheces como tal. Escravo, ouve as minhas ordens: não quero que ames aquella mulher, não te approximes d'ella, não a olhes nunca, — sê cêgo quando ella aqui estiver, mudo quando te fallar; — nem mais penses n'ella, arranca a sua imagem do teu coração.

FREDERICO. — Oh!

LUIZ. — Silencio, escravo. Mandarei vigiar os teos passos, os teos movimentos, e velar em teu somno. Se me desobedeceres, até mesmo no pensamento, serás surrado diante d'ella.

revela-se o

senhor escravizado, d'uma de
200 e mais.

FREDERICO. — Miseravel !

LUIZ. — Ameaças-me ?! (*Chamando*) Manoel ?

Manoel ?

SCENA IX

Os mesmos e MANOEL

MANOEL. — Meo senhor ?

LUIZ. — Leva-o para o tronço.

FREDERICO. — Não te approximes.

LUIZ. — Não podes só ? chama alguém.

MANOEL. — Sim, senhor.

FREDERICO. — Se ella visse... se não fôra o temôr... (*A Luiz*) Eu me entrego. (*A Manoel*) Aqui estou.

LUIZ. — Amarra-o.

MANOEL, *que o amarrrou*. — Prompto.

FREDERICO, *que desce ao proscenio, ergue as mãos atadas, dizendo com a mais viva expressão de sentimento e dôr*: O meo pai, do alto do céu contempla a tua obra !

(*Qualro.*)

(*Continúa.*)

SEGUNDO ACTO

p. 190

Interior de uma varanda praticavel. Cadeiras, mesas e consolos. Ao fundo, arcadas, communicando com terreiro. A' direita e á esquerda, portas.

SCENA I

FREDERICO e MANOEL

(Ao levantar o panno, FREDERICO — no meio da scena — está firme e estatico. Traja calças e camisa de algodão; os pés, nus. (MANOEL olha-o com brutal alegria.)

MANOEL, com *escarneo*. — Homem ! assim mesmo não te fica tão mal a fatiota.

FREDERICO. — Meo Deos, como me doem ainda as carnes ! como os anginhos magoaram-me os pulsos !

MANOEL. — A casaca não é feia ; porém, isto é um pouco mais fresquinho.

FREDERICO. — Mal posso ter-me de pé, — o tronco castigou-me muito.

MANOEL. — Ora muito bem !

FREDERICO, *movendo-se difficilmente*. — Ai ! ai !

MANOEL. — Meo senhor Luiz manda perguntar se persistes n'esse infeliz amor ?

FREDERICO, *grave e decisivo*. — Sim.

MANOEL. — E's birrento ! Meo senhor manda dizer-te que, se fôr obedecido, terás a carta de liberdade e dinheiro, muito dinheiro, todo o dinheiro que quizeres, — se, porém, insistires,

32/12, n.º 24

continuarás seo escravo, e como tal tratado diante de D. Cecilia. Escolhe.

FREDERICO. — Minha resposta é e será sempre a mesma.

MANOEL. — Pensa um pouco...

FREDERICO. — Seria inutil, minha resolução é inabalavel.

MANOEL. — Sabes as terriveis provações que te esperam?

FREDERICO. — Espere-me embóra o inferno com todas suas torturas. (*Imprecando*). O' meo pai! para que me mandaste educar, porque semeaste no meo coração sentimentos de honra e brio, se era esta a sorte que me aguardava?!

MANOEL. — E's orgulhoso... safa!

FREDERICO, *sorrindo-se de ironia*. — Falla-me de orgulho quando consinto que me torturem e humilhem como se fosse um criminoso! Oh! que se eu podesse ao menos matar-me...

MANOEL. — D. Cecilia hade gostar muito de vê-lo assim...

FREDERICO, *de chofre*. — O que dizes, negro? Vão pois obrigar-me a apparecer diante d'ella n'este estado?! Nunca, nunca o alcançarão!

MANOEL. — Ella para aqui virá dentro em pouco, — vou chamal-a por ordem de meo senhor. (*Vae-se*).

SCENA II

SCENA II

FREDERICO ; depois CECILIA

p. 191

FREDERICO. — (Agarrado, amarrado, e posto no tronco, supportei as dores mais atrozes ; e — quando julguei ter tocado a méta do soffrimento — sou conduzido á custo para esta sala, onde terei de soffrer as mais baixas torturas da escravidão, em presença da mulher que amo. Oh, é muito ! é talvez demais !)

CECILIA, precipitada. — Frederico ?

FREDERICO. — (Ella !)

CECILIA, vendo-o. — Ah !

FREDERICO. — Causei-te repugnancia ?

CECILIA. — Dize antes, pena.

FREDERICO. — Pena !

CECILIA. — Frederico, estás em poder de um insensato, — em nome do céu, meo amor, não resistas ás suas ordens, — conforma-te com os seus caprichos e vontades, e não te julgues aviltado com esses máos tratos, que tantas mágoas me trazem.

FREDERICO. — Farei o que me pedes, Cecilia, — farei o possível para obedecer-te: irei até onde não attinge a coragem humana. Demais, que lucraria eu com a resistencia? Scenas de horror, sangue talvez, — e somos irmãos!

CECILIA. — Adeus, — que me não vejam contigo.

FREDERICO. — Vae-te, são um crime os momentos que passas junto de mim.

CECILIA. — Adeus. (*Vae-se*).

SCENA III

FREDERICO, LUIZ e MANOEL

LUIZ, *a* Manoel. — Negro?

MANOEL. — Senhor?

LUIZ. — Dize novamente á D. Cecilia que espero-a na varanda.

MANOEL. — Sim, senhor. (*Vae-se*).

SCENA IV

FREDERICO e LUIZ

LUIZ, *a* Frederico. — Escravo? (*Forte*). Escravo? (*Mais forte ainda*). Não ouves, escravo?!

FREDERICO. — Senhor?

LUIZ. — Traze café.

FREDERICO. — Eu?!

FREDERICO. — Eu ?!

p. 191

LUIZ. — Vês outro escravo aqui? Depressa...
obedece.

FREDERICO. — (Estás nas mãos de um insensato, disse-me ella, — conforma-te com as suas ordens). (*Vae-se*).

SCENA V

LUIZ e MANOEL

MANOEL. — D. Cecilia manda dizer que já vem.

LUIZ. — Bem. Frederico persiste ?

MANOEL. — Persiste.

LUIZ. — Disseste-lhe tudo que o espera ?

MANOEL. — Tudo, tudo : respondeo-me que mais fosse.

(*Continúa.*)

Luiz. — (Está calmo, e o inferno arde-me no peito ! soffre, e é feliz, — eu rio-me, e sou um desgraçado ! Que farei para despedaçar aquelle coração ? Nem eu sei. Ella ama-o, é tudo o que elle deseja ! E eu, eu, que posso cobrir o espaço de ouro, — eu —, que tenho de joelhos á meos pés duzentos captivos, não posso comprar a felicidade de um miseravel escravo ! Oh, mas heide pisal-o aos pés, triumphando d'aquella felicidade que tem-me feito soffrer tanto !)

MANOEL. — Meo senhor, eu queria fallar... tenho, porém, receio...

Luiz. — Falla, falla, — inspira-me idéas atrozes, infernaes, — passa-me um á um os teos sentimentos de negro, os teos instintos de féra : tudo, tudo será pouco para saciar a minha vingança.

MANOEL. — Se meo senhor mandasse nhônhô Frederico para o sitio dos Palmares, para muito longe d'aqui... onde não visse nunca a moça... talvez ella o esquecesse e amasse meo senhor.

Luiz. — Não ! não ! não quero-a mais, — perdi-lhe toda affeição : agora só desejo faltar a minha colera, — estou ferido no meo amor-proprío por uma mulher sem pundonor e por aquelle miseravel.

MANOEL. — Muito embóra, não deve-os deixar juntos.

LUIZ. — Cala-te, negro.

MANOEL. — Sim, senhor.

SCENA VI

Os mesmos e CECILIA

(Cecilia apparece. LUIZ dá-lhe a mão, trazendo-a depois para o proscenio)

LUIZ. — Felicito-me, senhora, por haver V. Ex. tomado em consideração esta minha exigencia.

CECILIA. — Porque não ?

LUIZ. — A sua companhia é-me tão agradável...

CECILIA. — Lisongeiro...

LUIZ. — Não creia... Bondade sua.

CECILIA. — Eu, bôa ?!

LUIZ. — Muito. (*Senta-se,*)

CECILIA. — Chame-me antes de ingrata.

LUIZ. — Porque ?

CECILIA. — Vou deixal-o, — parto amanhã para a Côrte.

LUIZ. — Como é possível...?!

CECILIA. — Minha mãe não tem passado bem estes ultimos dias, — é ella quem me força a deixal-o.

LUIZ. — (Comprehendo... Vae-se porque Frederico soffre. Oh ! que farei áquelle escravo !)

derico sofre. Oh ! que farei áquelle escravo !)

(A' Manoel) Negro, manda trazer café.

MANOEL. — Sim, senhor. (*Vae-se*).

SCENA VII

LUIZ, CECILIA ; depois FREDERICO, com uma bandeja e
chicaras; e MANOEL.

LUIZ. — E deixa-nos assim...

CECILIA. — Dõe-lhe muito isso ?

LUIZ. — E para sempre, talvez.

CECILIA. — Não. Voltarei, e em breve, — logo
que minha mãe melhore, e os medicos con-
sintam.

LUIZ. — Deveras ?

CECILIA. — Fallo-lhe com toda minh'alma.

MANOEL, a Frederico. — Entre sem susto, —
não é cousa para tremer assim...

FREDERICO. — (Cecilia, aqui !) Desgraçado,
para onde me trouxeste ?

MANOEL. — Anda, homem, — deixe-se de luxos.

FREDERICO, *no meio da scena.* — (Eu morro de vergonha!) v. 7

LUIZ. — Creio, minha senhora, que conhece este escravo?

CECILIA, *levanta-se ; com ironia.* — Não duvido que o seja, — acho, porém, bem custoso descobrir debaixo d'esse traje o filho de seo pae.

LUIZ, *rapido ; com raiva.* — (Ella tambem!)

FREDERICO. — O traje não mudou ainda os sentimentos com os quaes tenho procurado honrar esse nome.

LUIZ. — Escravo, quem deo-te permissão para fallar?

CECILIA. — Socegue, — eu lhe peço.

LUIZ. — Estou calmo, — muito calmo até. (*Offerecendo-lhe a mão*) O café esfria.

CECILIA, *dando-lhe a mão.* — E' verdade... O café nos espera. (*Frederico, cabisbaixo, e Manoel, de braços cruzados, acham-se no meio da scena. Luiz e Cecilia passam em frente. Cecilia, ao passar, diz a Frederico, baixinho :*) (Coragem e resignação).

FREDERICO, *que ergue a cabeça, repete machinalmente.* — (Coragem e resignação!)

LUIZ, *olhando Frederico.* — (Nem uma lagrima!)

CECILIA. — (Ouviria...?!)

LUIZ. — De joelhos, escravo! que nós pas-sámos. (*Frederico cahe machinalmente de*

sámos. (*Frederico cahe machinalmente de joelhos, — Manoel ajoelha-se tambem, e encara-o feroz. Seguidamente levantam-se*).

FREDERICO. — (O' Deos, dá-me forças para conter-me).

LUIZ, a Cecilia. — Sentemo-nos. (*Sentam-se*).
(Escarnecem ambos da minha paixão. Como estão calmos!...) (*A Frederico*). Escravo, o assucareiro. (*Frederico dá dous passos para a mesa*).

CECILIA, offerecendo-lhe o assucareiro. —
Consinta...

LUIZ. — Perdão : ordenei ao escravo...

CECILIA. — Não prefere que seja eu quem o sirva?

LUIZ. — Certamente. (Oh, que eu não possa esmagal-os!)

CECILIA. — O que tem?

LUIZ. — Este escravo é um inepto, não serve senão para... mas o chicote.

FREDERICO, *avançando*. — Oh!

CECILIA, *detendo-o com um gesto*. — E' nada. Hãe acostumar-se, — para o futuro talvez se faça melhor. Desculpe-me... eu me retiro, — parto amanhã e nada tenho ainda preparado. Com licença.

LUIZ. — Tão inesperada partida faz-me acreditar que a minha hospitalidade não a satisfaz. Talvez que, pouco acostumada às scenas do captiveiro, se tenha deixado compungir pelas provações porque tem passado este escravo, mas elle é tão ousado...

CECILIA, *ironica*. — Realmente!

LUIZ. — E' que os ares da cõrte apagaram-lhe das costas os vergões do chicote, erguendo-o à altura de uma senhora... livre.

(*Continúa.*)

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro,

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

SCENA VII

LUIZ, CECILIA ; depois FREDERICO. com uma bandeja e
chicaras ; e MANOEL

CECILIA. — Senhor !

LUIZ. — O que admira, porém, é que uma se-
nhora de sentimentos fosse... tão baixo !

CECILIA. — Senhor !

LUIZ. — E' a verdade.

CECILIA. — Basta. Lembro-lhe, senhor, que
sou uma debil senhora, sem outras garantias
além d'aquellas que a educação impõe.

LUIZ. — Quando se é só procura-se um defensor.

FREDERICO, *que vacillou até aqui, accom-*
mette-o. — Ou um amigo que puna um infame.

LUIZ. — Soccorro !

FREDERICO, *preste a affogal-o.* — Cala-te, mi-
seravel, — cala-te ! não mereces dó. (*Soltando-o*)

Oh, mas é meo irmão ! é meo irmão !

LUIZ, *que se tem erguido.* — Negro, segura
n'aquelle escravo... amarra-o ao moirão ; vae
ser castigado.FREDERICO, *ameaçando-o.* — Nem mais um
passo.

passo.

LUIZ. — Anda, — ou serás surrado tambem.

MANOEL. — Sim, meo senhor.

FREDERICO. — Quem ousará ?!

CECILIA. — Cede, Frederico, se não queres perder-te para sempre.

FREDERICO. — Aqui estou : entrego-me. (*Manoel amarra-o*).

CECILIA, a Luiz. — Preciso fallar-lhe antes de mandal-o castigar.

LUIZ. — Tudo será inutil, — não mudarei de resolução.

CECILIA. — Oíça-me, por Deos !

LUIZ. — Pois bem : uovil-a-hei por poucos instantes. (*A' Manoel*). Leva-o d'aqui, — espera lá fóra as minhas ordens.

MANOEL. — Sim, meo senhor.

FREDERICO. — Caminha... caminha, ó martyr de amor! (*Frederico sahe, precedido por Manoel*).

SCENA VIII

LUIZ e CECILIA

LUIZ. — Aqui estou, — o que deseja ?

CECILIA. — Perdõe-lhe, senhor, — perdõe áquelle infeliz, que não é culpado dos seus des-
varios.

LUIZ. — Oh, mas tem-me feito soffrer tanto !
tanto ! esqueceo-me até que sou humano para
converter-me n'uma fêra.

CECILIA. — O senhor não é máo, — é a dôr
que o domina... Perdõe-lhe.

LUIZ. — Não.

CECILIA. — De joelhos lh'o peço...

LUIZ. — Não.

CECILIA. — Em nome de sua mãe.

LUIZ. — Não.

CECILIA. — Elle é seo irmão, — perdõe-lhe.

LUIZ. — Não.

CECILIA. — O' Deus, o que farei para arran-
cal-o das garras d'este tigre hircano ?!

LUIZ. — O que fará ?! Sou homem da roça e
como tal uso da linguagem franca e leal, que me
caracterisa. Não fui ainda comprehendido. A
liberdade de meo irmão só alcançará no dia em
que fôr minha esposa.

CECILIA. — Nunca !

(Continúa.)

RECREIO

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro,

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

SCENA VIII

LUIZ e CECILIA

LUIZ. — E' pela senhora que elle soffre. seja a senhora quem o salve. A mão, que descarregou o golpe, deve ser a mesma a levar o balsamo consolador de tantos soffrimentos.

CECILIA. — Não !

LUIZ. — Escolha.

CECILIA. — Não !

LUIZ. — Decida antes que eu dê as ultimas ordens. (*Sahe*).

SCENA IX

CECILIA; pouco depois MANOEL

CECILIA. — Estou só... só... para decidir sobre uma terrivel escolha. Frederico me perdôará. Nunca, nunca me perdôará ! (*A' Manoel,*

15/02/86, n: 3

dôará. Nunca, nunca me perdôará! (A' Manoel,
que atravessa a scena) Negro?

MANOEL. — Minha senhora?

CECILIA. — Onde vás?

MANOEL. — Vou em procura do meo senhor.

CECILIA. — Para que?

MANOEL. — Para saber se posso levar o Frederico para o moirão.

CECILIA. — Deos meo!

MANOEL. — Com licença (Sahida falsa).

CECILIA. — Negro?

MANOEL. — Minha senhora?

CECILIA. — Como achas o captiveiro?

MANOEL. — Horrivel.

CECILIA. — Porque então procuras amargar a sorte d'aquelle in'eliz?

MANOEL. — Minha mãe morreo ao moirão, golpeada pelo chicote do feitor, — vingo minha mãe! O executor estrangulei-o com a foice, no matto. Ninguem soube! Aquelle que mandou, morreo depois de longa agonia... Oh, aservas do matto são muito energicas!... E eu continuo

Vingança

a obra de destruição nos filhos do algoz de minha mãe. E' a vingança do negro, minha senhora!

CECILIA. — Manoel, deixa-o fugir, e dar-te-hei dinheiro, muito dinheiro.

MANOEL. — Não, minha senhora, eu morreria como morreo minha mãe, e ella assim não será vingada.

CECILIA. — Tua mãe te perdoará do alto do céu.

MANOEL. — Nós não perdamos nunca! (Sahe).

← aberto do ambiente

SCENA X

CECILIA; e depois FREDERICO e MANOEL

CECILIA, *atirando-se de joelhos*. — Meo Deos, tu que és o senhor de todos os senhores, tu que és bom e omnipotente, suspende o braço fratricida! (*Frederico, seguido por Manoel, atravessa a scena. Tem os braços atados para traz*).

MANOEL. — Vamos, vamos... caminha para a frente.

CECILIA. — Ah! (*Frederico pára machinalmente*).

MANOEL. — Anda, homem! Que massada!

CECILIA. — Para onde o levas?

MANOEL. — Para o moirão.

CECILIA. — Não, — elle não irá, não consentirei...

tirei...

MANOEL. — São as ordens do meo senhor.
Caminha, anda.

CECILIA. — Detem-te.

FREDERICO, supplicante, fitando o céo. —
O' Deos !

CECILIA. — (Desvaneeceo-se a derradeira espe-
rança ! Adeos, adeos para sempre, ó sonhos de
amor e ventura ! Aquella é a triste realidade, —
nada mais devo esperar !) (A' Manoel). Negro,
dize a teo senhor que solte este infeliz, — eu
serei sua escrava. E' uma simples troca.

FREDERICO, com voz apagada. — Mais vale
morrer na ignominia que perder-te.

CECILIA. — Mudámos apenas as cadeias, — que
importa ! Eu tambem quero soffrer por teo
amor.

FREDERICO, repetindo machinalmente. —
Antes o inferno com todas as suas torturas do
que perder o teo carinho.

Genialmente... 1913

SCENA XI

Os mesmos, e LUIZ

LUIZ, empurrando Frederico que tem-se aproximado de Cecilia. — Afasta-te, miseravel.

FREDERICO. — Elle !

CECILIA, cahindo no sofá. — Ah !

LUIZ, olhando-a feroz. — O corpo será meu, — mas nunca o coração !

Fim do 2º acto.

TERCEIRO ACTO

Gabinete. Uma secretária, á direita ; á esquerda, porta de entrada ; no fundo, janellas.

SCENA I

LUIZ e JOSÉ LOURENÇO

(Ouve-se, ao longe, o jongo dos negrões, mas de forma a não perturbar o que se passa.)

LUIZ, sentado junto á secretária. — Obrigado, senhor José Lourenço, — muito obrigado.

JOSÉ LOURENÇO. — Em redor de V. Ex. tudo sorri, — até os captivos esquecem-se da sorte no fervor das danças.

LUIZ. — A sorte dos meus escravos não é para ser lembrada.

JOSÉ LOURENÇO. — Bem sei ; porém, por melhor que seja...

p. 23

a escravidão sempre é ruim
da os escravos

que seja...

Luiz, *levanta-se.* — Em que outra parte os negros passam como aqui? Andam por ventura mendigando mantimentos pelas alheias casas? assaltam acaso os meos paões, para trocarem os objectos roubados por cachaça e por fumo, nas tavernas visinhas?

José LOURENÇO. — Perdão, eu não digo isso, — todos sabem a abundancia com que os trata, — referia-me ao captiveiro em abstracto.

Luiz. — E quem vio — como eu — um escravo tão feliz, póde acaso lamental-os?!

José LOURENÇO. — (Mão! Mudemos de conversa). Creio, senhor, ter cumpri lo com o mais sagrado dever, vindo dar-lhe os mais sinceros parabens pelos laços que acaba de contrahir. Só peço a Deos, que encha os conjuges de tantas quantas felicidades desejo para mim.

Luiz. — Ainda uma vez, obrigadissimo. (*Tira da carteira uma nota, que dá a José Lourenço*). Aqui tem para charutos.

p23

Luiz actualm
com a carta

JOSÉ LOURENÇO, *recebendo a nota.* — Beijolhe as mãos.

LUIZ, *á janella.* — ()' Pedro ? péga aquella mula russa, que alli vae volta.

JOSÉ LOURENÇO. — Sem incommodo, Exm... sem incommodo . Muito obrigado. Com licença. (*Sahe*).

(*Continúa*).

SCENA II

p. 30

LUIZ; depois CECILIA

LUIZ. — Vae-te; vil adulator, — já me aborreceis. (*Senta-se*). Eis, finalmente, realizados os meus sonhos, — Cecilia é minha, minha para sempre! — posso, finalmente, gosal-a sem o minimo receio... (*Levanta-se*) sem o menor receio?! E Frederico?!... se ousasse...! Nem devo pensal-o, — eu o mata-ia.

CECILIA. — Tu aqui, Luiz?!

LUIZ. — Pensava na realidade d'este casamento.

CECILIA. — Ainda te parece um sonho?

LUIZ. — Uma visão!

CECILIA. — Cumprí fielmente minha promessa, cumpre agora a tua, — dá-me essa maldada carta de liberdade, que muito tem soffrido já aquella pobre creatura. Dá-m'a.

LUIZ, *tirando-a da secretária*. — Aqui está. Queres que eu lh'a mande entregar?

CECILIA. — Não. Cabe-me essa dolorosa missão.

LUIZ. — A ti?

CECILIA. — Quero ser eu quem lhe arranque a derradeira esperança, mandando-o sahir d'aqui... para sempre.

Carta em troca da carta de liberdade
de Frederico

28/02/86, n.º 4

LUIZ. — Confio na tua bôa vontade.

CECILIA. — Os factos succederam-se com tanta precipitação que... que não podemos commu-
nicar o nosso casamento aos parente e amigos.

LUIZ. — Vou cumprir com esse dever em-
quanto te incumbes de tirar aquelle infeliz a
ultima esperança. (*Beija-a e sahe*).

SCENA III

CECILIA ; depois MANOEL

CECILIA. — Onde irei buscar forças para vê-lo ?
Na virtude ? no crime ? Oh, sim : entre a vir-
tude e o crime.

MANOEL, *ao fundo*. — (Valha-me o padroeiro
da Fazenda ! cá estou convertido em espião de
moça. Este meo sinhô-moço é das Arabias !)

CECILIA. — (Frederico não tarda. Vê-lo mais
uma vez... e para sempre ! E a eternidade, no
céo ? Oh, abençoada seja essa esperança !)

MANOEL. — (Que tal ; hein ? Vão lá dizer-lhe
isso...)

CECILIA. — (Apparecer-lhe coberta ainda de
flôres de laranjeira ?... d'estas flôres, que eram
d'elle?... Não ! não ! seria augmentar a af-
licção ao afflicto, — quero ao menos poupar-
lhe tamanha tortura. (*Arranca-as de sobre si*).
Ai, e este raminho é para elle. Será um penhor...
será tambem uma lição para aquelles que con-
quistam pela força os corações sensiveis).

com a noiva do cas. /

quistem pela força os corações sensíveis).

MANOEL. — (Estão ouvindo?)

CECILIA. — (Casei-me contra a vontade; mas, — qu'importa! é ainda d'elle... (olha para todos os lados; Manoel esconde-se) é ainda d'elle minh'alma).

MANOEL. — (Querem mais claro?)

CECILIA. — (E' d'elle toda minh'alma. Ainda ha pouco, na capella, quando eu jurava a Luiz amor e felicidade, as imagens descerraram os labios para maldizer-me, os mortos estremeceram debaixo das lages, e a cupula sagrada parecia desprender-se sobre minha cabeça para confundir tanta impiedade e perfidia. Pois bem! Imagens, sepultos, e tu, ó Deos dos justos, suspendei o vosso anathema, porque este coração... este coração é ainda d'elle... d'elle, aqui ou na vossa mansão, será).

MANOEL, *apparecendo*. — (Depois d'isto só o diluvio...)

SCENA IV

MANOEL ao fundo; CECÍLIA e FREDERICO

CECILIA, vendo-o. — Ah!

FREDERICO. — Mandou-me chamar, senhora?

CECILIA. — E esperava-te ansiosa. Aqui tens a malfadada carta de liberdade, que tão cruelmente te negaram. Aqui a tens. Não côres de aceitá-la, — é de minha mão que a recibes.

FREDERICO. — A liberdade! Tem razão, — eu não devia recebê-la senão de sua mão, porque foi a senhora que me fez escravo.

CECILIA. — Frederico!

FREDERICO. — Eu desejaria bem agradecer-lhe esta nova prova de delicção, mas sinto-me demasiado vil para bem poder avaliar este acto tão pouco commum.

CECILIA. — Não me falles assim .. Porque em tu'alma tanto rancôr? Mereço-o acaso?

FREDERICO. — Como tudo mudou derepente!

(Continúa.)

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro,

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

CECILIA. — Entre nós nada mudou, Frederico. Não me accuses sem ouvir. Acreditas que a luta foi pouco dolorosa?! Pergunta-o ao meo coração... pergunta-lhe quanto soffri antes de proferir a terrivel palavra, que nos separava para sempre.

FREDERICO. — Oh, o coração! o meo tambem tem soffrido tanto!... tanto!... Oh, mas que importa o coração?!...

CECILIA. — Quando a dôr é demais, muitas vezes estala!

FREDERICO, *com ironia*. — São de vidro as felicidades d'este mundo: quebram-se nas mãos ao contacto dos labios, que vão acaricial-as!

15/03/86, n.º 5

Para uma hora de alegria, quantas de penas! v. 38
para um atomo de ouro, quanta escoria!

CECILIA. — Não desespere... Talvez um dia...

FREDERICO. — Nunca! nunca mais! Illude-se, senhora, acreditando que o pesar de renuncial-a enche de fêl as palavras que esperava ouvir dôces e sonoras. Não a amei, — idolatrei-a, adorei-a como um insensato, porém passou... tudo passou... já nem me bate o coração! (*Suspira.*)

CECILIA. — Piedade para uma infeliz!...

FREDERICO. — E quem teve compaixão de mim?!... Conduzir-me cêgo, cheio de amôr, às portas do céu, apontar-me o paraizo, e lançar-me de repente no inferno... Oh, não merece piedade quem tão cruelmente inventou este martyrio.

CECILIA. — Escuta, e comprehenderás...

FREDERICO. — Escute-me tambem, e talvez comprehenda toda a extensão de sua infamia. Ameaçaram-me para que eu a esquecesse, aviltaram-me tirando-me aquillo que o homem mais presa — a liberdade, cobriram-me com os grosseiros trajos de escravo, obrigando-me a exercer — em sua presença — as funcções mais vis... e nada alcançaram. Ataram-me em seguida as mãos, e — preso ao cêpo — ergueram os açoites, esperando que eu resignasse o seo amôr... E nada alcançaram. Pois bem: o que deo-me a senhora em troca de tanta coragem e dedicação? o que fez a senhora de mim? pagou o

cação ? o que fez a senhora de mim ? pagou o animo com o desanimo, — a coragem com a cobardia. Oh, não admira ! as mulheres são todas assim. E, como se não fosse bastante, ergueo entre nós uma barreira de bronze, desposando o meo proprio algoz, que é tambem meo irmão ! Esqueçâmo-nos, pois... A senhora assim o quiz.

CECILIA. — Oh, meo Deos !

FREDERICO. — Sou desgraçado porque sou escravo, — nasci para andar de rastos como os reptis... — nasci para ser calcado aos pés como os cães.

in 2015

CECILIA, soluçando. — Basta...

FREDERICO. — Eu não a condemno... Lastimo-me, apenas... Quem foge à sorte ?

CECILIA, chorando. — Basta... basta...

FREDERICO. — Lagrimas ? E' tudo o que a senhora me dá. Oh, mas são todas assim ! Crea-

139
turas deveis! vertem a amargura aos mares, —
no entanto, desmaiam, deliram, estremecem,
recuam ao provar-lhe uma só gotta.

CECILIA. — Não se morre de uma agonia!

FREDERICO. — Não, não se morre de muitas
agonias, porque eu ainda aqui estou.

CECILIA. — Não peço que me acredites...
Vae-te, vae-te para sempre; mas, nas tuas horas
de solidão, n'essas horas que nos enchem a vida
de encantos e prazer sem fim, guarda uma sau-
dade, uma lembrança, um sorriso, uma lagrima,
um beijo, para uma pobre moça... que muito
te amou... e muito te ama ainda. Adeus.

FREDERICO, *tomando-lhe as mãos. Com a
voz tremula.* — Adeus.

AMBOS. — Adeus. (*Frederico sahe.*)

(*Continúa.*)

O BASTARDO

Drama em tres actos, original brasileiro,

DO

DR. PIRES DE ALMEIDA

SCENA V

CECILIA, só; — desce pressurosa ao proscenio, e atira-se de joelhos. — Deos! é nas tuas tuas mãos que eu confio a sorte de quem tanto amo. Dirige seo coração, — dá-lhe forças para que não esmoreça em caminho.

SCENA VI

MANOEL e LUIZ

(Manoel, que espreitára durante o principio da scena, adormece, apoiado n'uma cadeira.)

LUIZ, precipitado. — Manoel? Manoel? Onde estará este maldito? (Dá com elle). Dorme, e dorme tranquillo! A vida tem-lhe sido um montão de crimes, e dorme tranquillo! Porque não?! Como póde o criminoso temer a morte, se a morte é tambem um somno? (Sacudindo-o com o pé). Levanta-te, ó negro!

MANOEL, despertando. — Perdõe-me, meo senhor.

LUIZ. — Levanta-te.

Manoel, apressando-se. — Pronto.

31/03/86, n=6

LUIZ. — Frederico partio ?

MANOEL. — Se partio...?! (*Rindo-se malevo-*
lamente). Pois não partiste !

LUIZ. O que significa esse riso feroz ?

MANOEL. — Como partir se a moça aqui esteve
com elle... aos beijinhos.

LUIZ. — Inferno !

MANOEL. — Ora !... Ora !... Aquillo só visto,
para crêr !

LUIZ. — Cala-te.

MANOEL. — Estou prestando contas...

LUIZ. — (Foi loucura este casamento. Oh,
que eu não possa esmagal-os! (*Passa o lenço*
nos olhos). Nunca estes olhos se humedeceram
pela mulher ! Sempre julguei que o dinheiro
comprasse... até o coração ! até o amor !)

MANOEL. — Se meo senhor visse... !

LUIZ. — Cala-te, negro ! (Como mentia a per-
fida quando, tão pallida quanto bella, junto do
altar, e aos pés da Virgem, prometteo-me amor e
fidelidade ! E eu tremia junto d'ella, e mal pode
balbuciar reciprocas promessas de fidelidade e
amor) !

MANOEL. — Oh, mas se ainda fôsse só o que
presenciei...

LUIZ. — (Porque deo-nos a vida o mesmo pai ?)

MANOEL. — O que importa isso ?...

LUIZ. — (Porque collocou-se fatalmente essa
perversa — esse demonio — entre mim e elle para
nossa desgraça ?)

MANOEL. — Olhe, meo senhor : juraram amar-se até morrer.

LUIZ. — (Oh, mas o irmão desapareco ante o marido.)

MANOEL. — Diceram-se cousas, — que cousas !

LUIZ. — (Não podemos viver ambos, — um deve morrer para socego do outro.)

MANOEL. — Eu tambem entendo assim.

LUIZ. — (E' elle o máo, — elle que morra).
(Arranca da cinta um punhal, que atira aos pés de Manoel). Vês aquelle punhal, negro ?

MANOEL, *que apanhou-o, hallucinado*. — E como é bonito !

LUIZ, *abrindo uma gaveta*. — Vês tambem todo aquelle dinheiro ?

MANOEL, *deslumbrado*. — Sim, meo senhor, vejo.. tudo vejo...

LUIZ. — A metade pertence-te.

MANOEL. — A metade ? ! ...

LUIZ. — Traze-me esse punhal tinto no sangue de Frederico.

MANOEL. — Matal-o ? !

LUIZ. — Vae, vae, e terás a metade d'este dinheiro.

MANOEL. — E porque não terei todo ? !

LUIZ. — Vae, negro. Que te importa um crime mais ?

MANOEL. — Esconda, meo senhor, esconda esse dinheiro...

LUIZ. — A metade pertence-te...

LUIZ. — A metade pertence-te...

p-16

MANOEL. — Esconda-o, senhor, — não vê que posso matá-lo ?!

LUIZ. — A liberdade, negro, e...

MANOEL, *avançando com o punhal erguido.*

— A liberdade na fuga, e todo esse dinheiro.
(*Fere-o no peito.*)

LUIZ, *cahindo redondamente.* — Ah !

MANOEL, *vae rapido á gaveta, enche os seios de notas, e salta a janella, exclamando:* —
O' minha mãe, acabo de vingar-te !

SCENA ULTIMA

LUIZ, FREDERICO e CECILIA

FREDERICO, *pela direita.* — O que é isto ?!

CECILIA, *pela esquerdo.* — Ouvi um grito !...

AMBOS, *vendo Luiz.* — Ah !

LUIZ, *expirando.* — Manoel... foi Manoel... Ai !

FREDERICO, indo á janella. — Cerquem a fazenda... e prendam o Manoel. 7-46

LUIZ. — Frederico, perdôa-me... perdôa-me...

FREDERICO. — Pede-o á Deos, — eu, ha muito que te havia perdoado.

LUIZ. -- Cecilia... Ai! Aqui... no peito, uma afflicção... Eu morro... Ah! (*Expira*).

AMBOS, sobre o cadaver. — Morto!! (*Rumor, fóra*).

FREDERICO, á janella. — O assassino acaba de ser prêso.

CECILIA, levantando-se. — Entreguem-n'o á justiça, — é um homem livre; soffra as consequências do seo acto.

FREDERICO. — Cecilia, os escravos esperam as suas ordens.

CECILIA. — Não tenho escravos, — declino de uma herança tão triste. Este veo por mortalha, e por memoria a liberdade de tantos infelizes, é tudo quanto póde ainda dar-lhe o meo coração em mágoas. (*Tira o véo, que estende sobre o cadaver; depois, ajoelha-se*).

FREDERICO, de pé, entre o cadaver e Cecilia. — O' Deos! Tu, que perdoaste áquelles que mancharam-te a tunica de sangue, perdôa-lhe tambem... Elle era bom, — o amor endureceo-lhe o coração. Perdoa-lhe, Senhor, — elle não foi culpado.

FIM